

## **A autoconstrução como exercício da autonomia na habitação: o caso do Conjunto Habitacional Chico Mendes em Florianópolis**

**Natália Sagaz**

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

**Ramon Silva de Carvalho**

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

### **Abstract**

**Este artigo trata das reformas realizadas pelos moradores do Conjunto Habitacional Chico Mendes, em Florianópolis, por meio da autoconstrução. Tem como objetivo identificar a manifestação das necessidades dos diferentes grupos familiares que vivem no referido conjunto, por meio da análise de dois momentos: a inauguração do empreendimento e os dias atuais. Para tanto, faz-se um breve histórico das políticas habitacionais da cidade para contextualizar o projeto inicial do conjunto; realiza-se um diagnóstico das alterações promovidas nas unidades habitacionais e traça-se um paralelo entre a idealização de uma construção “racional” e padronizada e a consolidação das modificações realizadas pelos moradores. A partir das análises infere-se a importância que a adaptabilidade da comunidade em relação ao espaço físico tem na reconfiguração dos espaços construídos e no seu entorno urbano imediato.**

### **Introdução**

A ascensão do capitalismo, articulado com o processo de globalização, foi definidora para a manutenção das desigualdades sociais que assolaram os países em desenvolvimento após a Revolução Industrial. O êxodo rural e a necessidade de transformação dos espaços urbanos, associados à interferência ineficiente do Estado, geraram a configuração de aglomerados urbanos informais, contabilizados no déficit habitacional.

Com a utilização do planejamento do espaço urbano pelo Estado como forma de garantir o

controle sobre a população e o valor de uso da terra e das habitações, houve, no Brasil, a partir de 1980, o surgimento de movimentos sociais que reivindicavam o direito à moradia. Para subsidiar os investimentos em melhorias urbanas e na construção de novas moradias, influentes corporações internacionais de crédito (Banco Mundial, Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID e Fundo Monetário Internacional – FMI, entre outros) entraram em ação, aliando-se aos gestores municipais para a criação de programas e projetos para as cidades, uma vez que estas últimas têm grande relevância no processo de globalização (Joana S. [Rio de Janeiro], 2006, apud Silva, 2008).

Entre os programas propostos pelo BID está o Programa Habitar Brasil BID (HBB), dirigido a famílias de baixa renda que viviam em áreas de risco, com 60% dos recursos provenientes do referido Banco e 40% da União e com a gestão realizada diretamente pelos municípios que apresentaram suas candidaturas (Joana S. [Rio de Janeiro], 2006, apud Silva 2008).

Em 1997, a cidade de Florianópolis foi contemplada pelo HBB, mais especificamente com o projeto para a Comunidade Chico Mendes, situada na porção continental da cidade. O projeto denominado Conjunto Habitacional Chico Mendes, previa a construção de 425 unidades habitacionais, dotadas de infraestrutura urbana, equipamentos públicos e projetos sociais, com previsão de ser concluído até o final de 2007 (Silva 2008, 50). Popularmente conhecido como “as casinhas da Ângela Amin” – em referência à Prefeita em exercício à época – as moradias foram erguidas ao longo da marginal da BR 282 (via expressa que conecta o continente à ilha de Santa Catarina).

Para subsidiar a análise do Conjunto, a seguir serão apresentadas suas características originais e sua configuração após as reformas realizadas



Figure 1. Ocupação Chico Mendes – Bairro monte Cristo (década de 1990). PIV URBII - UFSC.

por meio da autoconstrução.

### **O contexto da região Chico Mendes na política habitacional em Florianópolis**

#### *Política habitacional nas áreas conurbadas de Florianópolis*

A demanda para o desenvolvimento de políticas públicas para moradias na cidade de Florianópolis surgiu com a expansão do perímetro urbano para a área continental, uma vez que a porção insular não tinha recursos suficientes para conter o déficit habitacional que crescia no Estado, advindo do processo migratório e da forte especulação imobiliária.

Para Silva (2008), apesar de a porção continental representar somente 3% do território do município, nela se consolidaram os assentamentos precários e clandestinos, compostos pela população que vive em situações de vulnerabilidade habitacional e social.

A atuação dos movimentos sociais na reivindicação pelo direito à moradia e por melhores condições de vida nos assentamentos pressionava o governo municipal por uma resposta adequada, principalmente para as ocupações mais adensadas e sem possibilidades de expansão, como era o caso da área da Chico Mendes (Figura 1). No final da década de 1990, com o recebimento de recursos do BID e o envolvimento da Prefeitura, foi iniciada a

discussão sobre um projeto de habitação de interesse social do HBB, com o objetivo de suprir as necessidades da comunidade.

#### *Origem da comunidade*

Localizada no bairro Monte Cristo, a comunidade se consolidou às margens da BR 282, no limite com o município de São José (Figura 2). Foi constituída a partir de ocupações desordenadas, resultado da luta por moradia capitaneada pelo Movimento dos Sem Terra (MST) e pelo Centro de Apoio e Promoção do Migrante (CAPROM).

A região Chico Mendes se caracterizava como uma configuração urbana bastante adensada e que sequer constava nos mapas oficiais da cidade. A boa organização da população local na luta por melhorias na infraestrutura básica e por um projeto de urbanização, somados à localização privilegiada – visível a quem entra e a quem sai da ilha – foram fundamentais para que a região fosse a primeira do estado a receber recursos do HBB, no ano 2000.

### **Participação no Programa Habitar Brasil**

Segundo Ferro (2015), a vulnerabilidade social, na qual se encontram as famílias que moram em áreas de risco, é assumida pelo Estado como um facilitador para o desenvolvimento de políticas habitacionais, sem maiores preocupações além da entrega de um teto.

“Um grupo (ou nem isto, uma somatória) de carentes de tudo à procura de teto, por exemplo. Nada seria mais simples que rabiscar e construir um projeto de caixas de “morar” (vide BNHs, Cohabs, Minha casa ou Cingapur) como resposta. Organismos competentes selecionariam os que podem pagar o financiamento para comprá-las e pronto... (chamar de projeto ou desenho o documento que precede estes horrores seria muita generosidade) e da construção (são horrores em ruína assim que concluídos)” (Ferro 2015, 22).

Com o interesse de desenvolver projetos a partir do HBB, a gestão municipal estabeleceu seis critérios para a hierarquização das comunidades que participariam do projeto: área de risco, nível de carência, problemas socioeconômicos, impedimentos ambientais e fundiários, planejamento e articulação com outros órgãos da cidade. Após a análise desses critérios, a região Chico Mendes alcançou o segundo lugar de caráter de urgência. Entretanto, por ser uma comunidade adensada e extensa territorialmente, foi a primeira a receber recursos para implantação do projeto do HBB. Para o desenvolvimento dos estudos preliminares foi realizado, em 1998, um cadastro censitário, físico e socioeconômico, que identificou 1109 famílias distribuídas em 947 moradias e 162 coabitações, totalizando 4526 habitantes (FLORIANÓPOLIS [Florianópolis], 2001, apud Silva 2008).

Para a realização das obras a população foi remanejada para abrigos temporários, onde ficariam pelo período de 2 a 5 meses, período de transição previsto até a unidade habitacional ser entregue pela Prefeitura. As obras, iniciadas em 1998 e previstas para serem finalizadas até 2007, contemplavam as necessidades em aspectos de urbanização, habitação e desenvolvimento comunitário. As equipes foram estruturadas segundo quatro áreas de atuação: obra, remanejamento, social e regularização fundiária e desenvolveram os projetos específicos pertinentes a cada área. No que tange à unidade habitacional, a proposta inicial previa uma edificação padrão para todas as famílias, independentemente do tamanho e da configuração familiar, dividida em dois pavimentos: o térreo abrigava as áreas molhadas – cozinha e banheiro e sala de estar/televisão; no segundo pavimento ficavam os dois quartos. Além disso, havia um pequeno sótão para usos diversos (Figura 3).

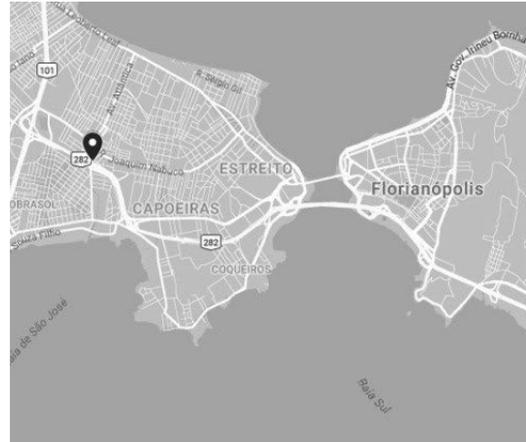


Figure 2. Localização da Chico Mendes entre os municípios de São José e Florianópolis. Habitat Emergente.

Contudo, após forte articulação comunitária, foi admitido um segundo modelo, 12m<sup>2</sup> maior do que a edificação padrão, que foi utilizado para famílias com um grande número de filhos, para moradores com mobilidade reduzida ou para moradias que eram utilizadas como fonte de renda. Para Silva (2008), esse projeto padronizado apresenta semelhanças com o assentamento luso-brasileiro colonial – sobrados justapostos e estreitos com janelas padrão nos sótãos.

O módulo padrão foi entregue a 397 famílias, enquanto o segundo modelo atendeu a menos de 10% da comunidade. Esta divisão gerou conflitos entre os gestores municipais e os moradores, pois não havia um programa de necessidades individualizado que contemplasse as diferentes composições familiares. Como um modelo diferenciado exigia maior área construída, essa diferença no orçamento seria de responsabilidade da Prefeitura.

Além das unidades habitacionais, era previsto um Projeto Social com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento sócio comunitário e para a relação com/nos novos espaços comuns a serem implantados. Embora a previsão fosse de que a ação social iniciasse no ano 2000, o Projeto Social só teve início em junho de 2006. Entre 1998 e 2006 a Prefeitura realizou o trabalho com enfoque somente nas ações de remanejamento das famílias nos abrigos provisórios, onde ficaram mais de seis anos – ante a previsão de no máximo 5 meses.

A infraestrutura urbana e os equipamentos comunitários foram construídos de modo a suprir a ausência de uma urbanização adequada

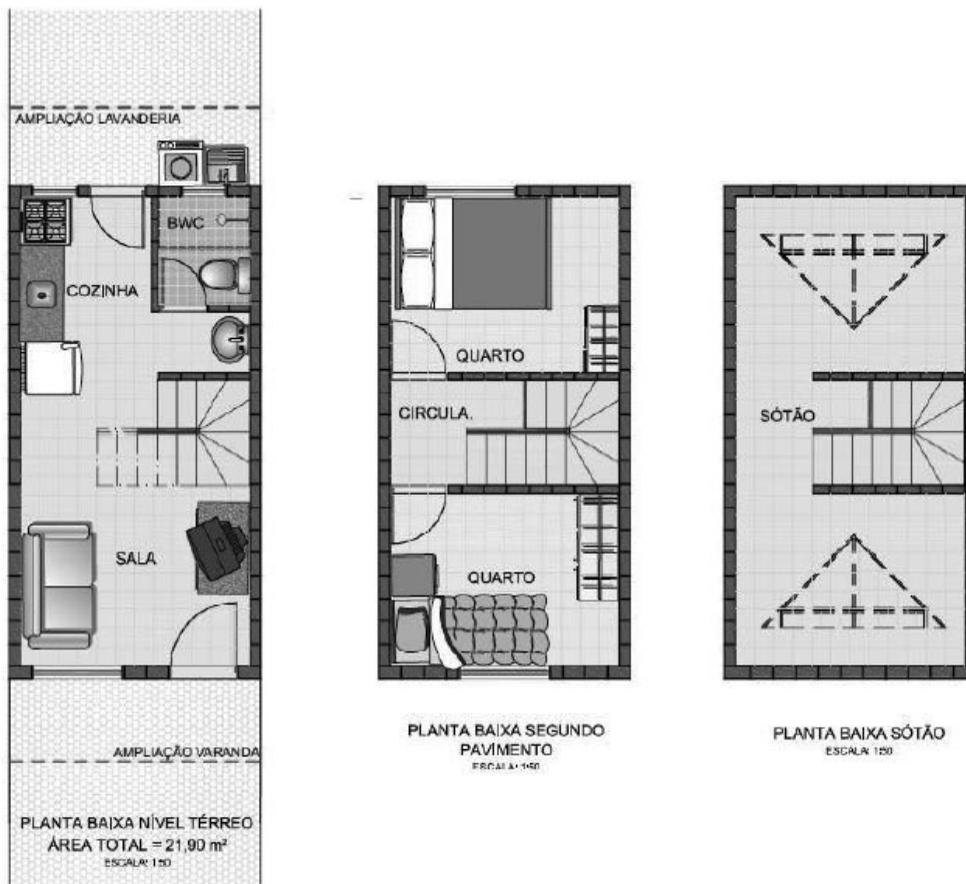


Figure 3. Layout da edificação padrão para o Conjunto Habitacional Chico Mendes. Questões dos países em desenvolvimento.



Figure 4. Fachadas originais do Conjunto Habitacional Chico Mendes. PIV URBII - UFSC.

e de espaços livres nas moradias. No entanto, as casas entregues para as mais de 400 famílias eram idênticas umas das outras, formando um conjunto relativamente homogêneo e sem individualidade (Figura 4).

O método construtivo original utilizou blocos de concreto para racionalizar a construção. Entretanto, não houve um serviço de assistência técnica que explicasse como poderiam funcionar futuras modificações, o que fez com que os moradores utilizassem de suas próprias experiências para dar continuidade nas obras ditas “finalizadas”.

### **As reformas autoconstruídas nas unidades unifamiliares do Conjunto Habitacional Chico Mendes**

A prática da autoconstrução acompanha a comunidade Chico Mendes desde o início do seu assentamento. Para Ferro (2015, 23), essa forma de provisão da moradia vai além da construção física, pois “alimenta a imaginação e o reconhecimento de suas reais necessidades [...]”.

Segundo Cortado (2019), existe uma relação direta entre a construção da casa e a identidade do indivíduo no espaço, e é a partir dela que se define uma trajetória de progresso social, uma espécie de “projeto de melhoria de vida”. No caso da região Chico Mendes, os moradores, após a entrega do projeto habitacional e de urbanização do programa HBB, começou um processo de reconfiguração das unidades de modo que atendesse as demandas particulares, não providas pelo HBB.

As reformas e ampliações das moradias acontecem desde a inauguração, em um ritmo lento, de baixa intensidade, e conforme a disponibilidade financeira e tempo de cada família, pois a maioria utiliza as folgas de trabalho, as férias e/ou finais de semana para construir. Com soluções “engenhosas” e empíricas, a comunidade Chico Mendes vem se reinventando e colorindo de criatividade as fachadas anônimas “das casinhas da Ângela Amin” distribuídas ao longo da marginal periférica da cidade.

As alterações executadas por cada morador podem ser observadas por quem trafega pela BR 282 (Figura 5) e demonstram que o “conjunto homogêneo” e “racionalmente construído” não apresenta mais as características originais. Se observadas individualmente, as unidades habitacionais expõem as diferentes manifestações das

necessidades de cada morador. Nesse sentido, há aquele que utiliza a laje acrescida à edificação original para abrigar o resultado do seu trabalho diário (materiais recicláveis); outro que ampliou verticalmente com a adaptação do sótão para um novo pavimento (em geral destinado a quartos); outros incorporaram o espaço previsto para a varanda à própria habitação; alguns construíram terraços.

### **Considerações finais**

O Conjunto Habitacional Chico Mendes acabou tornando-se mais a formalização de um projeto de reurbanização, fazendo com que a região fosse reconhecida oficialmente como parte da cidade, do que de fato um programa de interesse social que previsse a construção de novas moradias de acordo com os anseios da população. A simples retirada temporária dos moradores e o retorno para o mesmo local, sendo agora em edificações padronizadas, não traduzem de maneira efetiva os reais laços afetivos com a moradia e nem tampouco com o entorno imediato, incluindo as relações de vizinhança anteriormente consolidadas.

Com uma proposta de intervenção desarticulada e de caráter emergencial, o Programa HBB atuou com uma equipe que envolvia assistentes sociais e técnicos do município. Entretanto, apesar de terem sido realizados diversos levantamentos sobre a população da Chico Mendes, o desenvolvimento do projeto não contemplou a participação popular, o que resultou em uma descaracterização da comunidade e em um realce da situação de vulnerabilidade social.

Atualmente, ao se observar o Conjunto Habitacional Chico Mendes de forma ampliada, é quase impossível identificar o conjunto original (Figura 4). Aproximando-se de cada unidade habitacional, identifica-se com maior precisão o quão significativa é cada uma dessas modificações. Significativa não apenas considerando-se o aspecto físico, mas também no sentido de que as diferentes apropriações e a (auto)construção dos acréscimos demonstram que as necessidades individuais/familiares também influenciam na configuração dos espaços construídos e dos espaços livres de edificações. Acredita-se, portanto, que a moradia não deve ser entendida somente como a estrutura física, mas também como uma manifestação de pertencimento e de exercício da autonomia dentro do espaço urbano no qual a população está inserida.



Figure 5. Composição atual das fachadas das edificações na Comunidade Chico Mendes. A Autora.

## Referências

1. Bonduki, Nabil. 2013. *Origens da habitação social no Brasil*. Rio de Janeiro: Estação Liberdade.
2. Villaça, Ícaro, e Paula Constante. 2015. *Usina: entre o projeto e o canteiro*. São Paulo: Edições Aurora.
3. Cortado, Thomas J. 2019. “Aos poucos: cinética da casa, da cidade e da pessoa na periferia do Rio de Janeiro”, *Anais do 7º Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia*:1-27.
4. Ferreira, Marina B. 2019. “Autoconstrução e autogestão habitacional no Brasil – Um estudo comparativo em dois períodos: 1975 – 1986 e 2004 – 2018”, *Anais do XVIII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional*: 1-20.  
<http://anpur.org.br/xviiianpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=518>
5. Huderbrandt, Margaux. 2014. “A habitação de interesse social na área conurbada de Florianópolis, no final do século XX”, *Questões dos países em desenvolvimento*, 28 de Outubro, 2014.  
<https://questoesdospaisesemdesenvolvimento.wordpress.com/2014/10/28/47/>
6. Moraes, Mariana. 2013. “Chico Mendes – Florianópolis: urbanização ou “formalização”?”, *Habitat Emergente*, 12 de Janeiro, 2013.  
<https://habitatemergente.wordpress.com/2013/12/01/urbanizacao-ou-formalizacao/>
7. PIV URBII – UFSC. 2015. “Comunidade Chico Mendes”, *Team Caramelo*, 29 de Março, 2015.  
<https://teamcaramelo.wordpress.com/2015/03/29/comunidade-chico-mendes/>
8. Santos, Mirtes Aurélio B. 2018. “Eu nem Tenho Medo da Polícia, Porque Já Tô Grandinha, Tô Acostumada com Tiro, nem Dou Bola, Durmo em Paz”: o confinamento e adultização da infância da família trabalhadora na comunidade Chico Mendes”, Tese de mestrado – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.
9. Silva, Marliange. 2008. “A experiência do Programa Habitar Brasil BID – Região Chico Mendes: uma análise da participação social”, Tese de mestrado – Programa de Pós-graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina.